



PATRÍCIA BARROS SOARES BATISTA

LUCIANA PRAZERES SILVA

MARIA CAROLINA DA SILVA CALDEIRA (ORGS.)

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: MEMÓRIAS E PERCURSOS



CENTRO PEDAGÓGICO - UFMG

The background of the image consists of crumpled paper. The upper portion is white, while the lower portion is a textured, brownish-orange color, resembling recycled paper or cardboard. The crumpling creates a complex, organic pattern of folds and shadows.

**EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: NOTAS SOBRE
A TRAVESSIA DE UMA PEDAGOGA EM
FORMAÇÃO**

Educação e diversidade: notas sobre a travessia de uma pedagoga em formação

Gabriella Agnes Silva¹⁴
Patrícia Barros Soares Batista¹⁵

Primeiras palavras

Acompanhar o percurso formativo da Gabriella, especialmente por meio das orientações remotas e do envolvimento em seu processo de escrita, tem se configurado como uma bonita oportunidade de conhecê-la um pouco melhor. Nosso encontro se deu no início de 2020 e, apenas dois meses depois, foi pausado. Isolamo-nos socialmente, mas continuamos conectadas afetivamente por outros meios. Em tempos de Pandemia, cultivar, através da reflexão e da troca, sentimentos e sensações como gratidão, empatia, coragem e esperança são um verdadeiro alento que dá forças para prosseguirmos a caminhada. O que fica, ao final de tudo, é ela: a certeza de que somos frutos das escolhas que fazemos.

A diversidade humana é muito rica e significativa, por vezes lidar com as diferenças é desafiador, mas essencialmente belo, pois os desafios e instabilidades do percurso nos levam a buscar refletir sobre nós mesmos, nossos ideais, crenças, valores, enfim, sobre tudo o que nos forma, tornando-nos mais humanizados. O atual momento nos impõe isso: não há como fugir de nós mesmos. Nossos anseios, angústias, certezas e principalmente incertezas se afloram. Cabendo a nós mobilizarmos energia e força para encontrarmos a essência, o “fio das missangas” para buscar compreendermos melhor a vida e, assim, seguirmos com mais segurança as trilhas formadas a partir do emaranhado de experiências vividas.

No presente texto, o exercício reflexivo é feito pela voz da Gabriella, em primeiro plano, ressoando as diferentes experiências que vem tecendo, ponto a ponto, a sua caminhada recente, mas, intensa, no campo da Educação. O resultado do trabalho é uma tessitura feita por diferentes verbos: refletir, escrever, ler, inserir, suprimir, realocar,

¹⁴ Graduanda do curso de Pedagogia na UFMG, Bolsista do Programa Imersão Docente (PID).

¹⁵ Professora do Centro Pedagógico da UFMG – EBAP/CP/UFMG - Orientadora do Programa de Formação Docente do CP - Projeto Imersão docente.

alterar, trocar, reescrever... que foram se alternando em um diálogo constante entre nós, buscando alinhar as experiências profundas e delicadas que a Educação Inclusiva proporciona.

Ao pensar nos caminhos da Educação, a coragem para continuar a travessia sempre é um elemento que me vem à mente. Não consigo não pensar também em Guimarães Rosa que nos revela, por meio do cuidado, beleza e profundidade com as quais ele tece as palavras, sobre o quão valiosa nos é a experiência, o contato com o outro.

A experiência humana toca, modifica, expande, mobiliza, desafia, transforma. E assim, a meu ver, é a Educação. Ela deve, necessariamente, se dar pela via inclusiva movida pelo respeito e valorização da diversidade, a partir de um olhar empático e afetivo. Essas qualidades podem ser percebidas ao longo de todo o texto que o leitor conhecerá a seguir, que para mim, se configurou como um presente onde foi possível dialogar com “o real” que nos é disposto no meio na caminhada, “no meio da travessia” tal qual nos aponta Guimarães Rosa.

Patrícia Barros Soares Batista

O início da caminhada: em busca da realização de um sonho e o medo do desconhecido

Vivemos uma situação inédita na história da humanidade devido à pandemia da Covid 19. Com o isolamento social as atividades no Centro Pedagógico passaram a ser realizadas de modo remoto. Na realização dessas atividades, tenho tido a oportunidade de refletir a respeito das experiências que tive até aqui, e vou apresentar um pequeno recorte delas fazendo emergir lembranças que vêm contribuindo para a minha formação humana e profissional. Tudo o que vivenciei até o momento tem fortalecido em mim a crença no poder que a Educação tem em transformar as pessoas, pois como bem disse Paulo Freire (2017, p. 93): “a libertação autêntica [...] é práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Meu nome é Gabriella, tenho vinte e cinco anos e sou graduanda do sétimo período do curso de Pedagogia na UFMG. Atualmente, sou monitora do Programa de Imersão Docente (PID) no Centro Pedagógico da UFMG, atuando em uma turma do 2º ano do 1º ciclo, a Turma da Felicidade. Minha trajetória acadêmica tem se dado concomitantemente às práticas profissionais.

Depois de realizar várias atividades administrativas que não dialogavam com o campo educacional, no ano de 2017 tive a primeira experiência em uma instituição educativa, quando atuei como Auxiliar da Coordenação Pedagógica de uma Escola Especial. Uma instituição filantrópica voltada para o atendimento de cerca de 120 crianças e jovens. Todos com algum tipo de deficiência intelectual, múltipla ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Os estudantes tinham idade entre seis e quarenta e cinco anos, e eram divididos em turnos da tarde e manhã, do 1º ao 9º ano.

A instituição contava com poucos profissionais, e por isso eu realizava diversas atividades diferentes. Isso me aproximava dos estudantes, de seus familiares e funcionários. Minha rotina era permeada por um constante aprendizado: professores e demais profissionais compartilhavam comigo saberes e experiências em relação às deficiências e à Educação Especial.

Por ser uma instituição filantrópica, ela era representada como um lugar de “caridade”, “assistência”, “boa ação” e “acolhimento” às pessoas com deficiência. Nós,

envolvidos com a instituição, também incorporávamos essa representação. Lá atuei por quase três anos, e, durante esse tempo, adotei uma posição de aprendiz. Pude observar a importância daquela instituição para as famílias, e, principalmente para os estudantes com deficiência intelectual com alto comprometimento cognitivo. E pude também conhecer um pouco das dificuldades enfrentadas por esse público nas diversas esferas da sociedade. Compreender melhor a experiência, através do ponto de vista do outro, é uma dimensão muito importante na Educação e posso afirmar que naquela instituição tive a oportunidade de perceber a educação por diferentes olhares.

Hoje, com o campo legal fortalecendo cada vez mais as diretrizes para que as escolas de ensino regular sejam inclusivas pode soar de modo contraditório uma escola voltada especificamente para o atendimento de crianças e jovens com deficiência.

Na Educação Básica, tive pouco contato com o Público Alvo da Educação Especial (PAEE). Lembro-me que, em uma escola em que estudei no ensino fundamental, havia um estudante com deficiência física, e, para se deslocar, ele se apoiava nas paredes e/ou em estudantes que estivessem próximos. Segurava nosso braço com força, e alguns diziam que ele beliscava, por isso tínhamos medo de nos aproximar dele. Outro contato próximo com uma pessoa com deficiência foi com um vizinho, adulto, que tinha alguma deficiência intelectual. Eu tinha amigos que moravam no mesmo lote que ele e nós tínhamos muito medo dele, ao ponto de fugir correndo caso ele se aproximasse. Minha relação com as pessoas com deficiência se limitava a isso. Era um público diferente, distante e amedrontador.

Hoje, esse sentimento é vergonhoso para mim – o medo – e refletindo sobre ele é possível indagar: Por que temos medo do que não conhecemos? Em meus primeiros dias, naquela instituição, o medo que senti, sem dúvida, era o reflexo das relações que tive anteriormente com as pessoas com deficiência. Eu mantinha a porta da sala fechada, e, se precisava passar pelo pátio durante o recreio, passava com muita pressa. Concluo que temos uma tendência a temer o diferente, “[...] medo do diferente, do que não é conhecido, podendo ser transformado em inferioridade, desigualdade e exclusão” (SILVA, 2006, p. 426).

Aos poucos, o sentimento de medo naquela instituição deu espaço ao afeto, à empatia e à vontade de conhecer quem até então era totalmente desconhecido. Quando as aulas do turno da tarde, desta escola em que atuei, começaram, eu observava o recreio

e percebi que os estudantes, que tinham menos de 15 anos, brincavam, corriam, jogavam bola, e interagiam, como qualquer outra criança. Comecei a passar momentos com eles e, aos poucos a nossa interação começou a se estabelecer. Naquele momento, o Público Alvo da Educação Especial (PAEE) deixava de ser um público distante e amedrontador para mim.

A maioria dos estudantes do turno da manhã tinha mais de quinze anos, e eu teria mais contato com esse turno, pois na hora da saída da aula eu iria encaminhar cada um aos seus responsáveis. Hoje vejo que das tarefas confiadas a mim, essa foi a melhor de todas, pois a partir da convivência podia conhecê-los melhor, criar vínculos afetivos e nos tornar amigos. Ali podíamos conversar, nos abraçar, rir, cantar até irem embora. Eles passaram a ser meus, e eu deles. Cada um com uma história única, e eu adorava ouvir todas elas e compartilhar a minha¹⁶.

Aproximadamente depois de um mês, fomos assistir a um jogo de vôlei em um estádio. Tenho fotograficamente a lembrança dos estudantes em seus grupos de amigos, unidos, torcendo, vibrando, sorrindo, fazendo poses para fotos e abraçando uns aos outros. Lembro que naquele dia saí de lá com muitas reflexões. Ver os alunos em grupo, entre outras pessoas, tendo momentos de lazer e diversão, me fez refletir: "não tem nada de errado com eles, o erro está na sociedade, ela precisa mudar. Neles não tem nada [...] prejudicial à saúde de ninguém, então porque eles estão tão (separados) à margem da sociedade (no caso, na educação) por simplesmente terem suas diferenças? Felizmente todos nós somos diferentes."¹⁷

A posição em que eu atuava me levava a muitas reflexões a respeito da educação especial na perspectiva inclusiva. Às vezes tínhamos a mesma devido à possibilidade de encerramento das atividades daquela instituição. Meu contato constante com estudantes com deficiência, pais e professores, me permitia ouvir seus relatos e opiniões. Havia muitas queixas a respeito da inclusão desses estudantes com deficiência no ensino regular. Os pais, em geral, tinham medo que seus filhos fossem discriminados ou sofressem agressões físicas. Alguns tinham um discurso carregado de pessimismo quanto à capacidade de aprender de seus filhos, que eles nunca aprenderam e nunca

¹⁶ Trecho extraído de produção realizada como Tarefa 02 da Formação Geral do Programa de Imersão Docente (PID), em junho de 2020.

¹⁷ Esta reflexão se constitui em um trecho de trabalho para disciplina História da Educação no segundo semestre de 2018.

iriam aprender os conteúdos curriculares e viam a escola como um espaço exclusivo para socialização de seu filho.

O meio do caminho: os desafios e as possibilidades que emergem ao trilharmos a Educação Inclusiva

Buscando me aproximar mais da docência e do mundo acadêmico, participei do processo seletivo do Programa de Imersão à Docência (PID), no Centro Pedagógico (CP), que é uma escola pública vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e é onde atuo hoje como monitora. O PID tem como propósito “promover a formação desses profissionais por meio de sua imersão no contexto de uma escola de ensino fundamental, com o exercício de atividades integradas ao cotidiano da mesma e com a vivência de tempos e espaços que promovem a reflexão coletiva sobre essas atividades.” (CENTRO PEDAGÓGICO, 2020, p.7) No CP, tive a oportunidade de ver na prática o que aprendia na teoria, pois é uma escola que preza pela pesquisa e conhecimento científico.

Nesta instituição, vejo um empenho coletivo e multidisciplinar por buscar conhecer o estudante, pesquisar alternativas que contribuam com seu bem estar geral, aprendizagem e respeito a suas particularidades. Estudantes com deficiência recebem suporte conforme nível de sua necessidade e têm direito a um monitor individual que auxilie no processo inclusivo. Vejo nos professores o trabalho de adaptação das atividades para que todos possam participar e seu manejo para lidar com esse público.

No CP, eu acompanho uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Aprendi muito assistindo suas aulas, vendo a atuação dos professores e auxiliando os alunos, que estavam em diferentes etapas do processo de alfabetização. Vi como nesse processo cada estudante demanda uma abordagem, um auxílio e um tempo diferente. Alguns ficavam ansiosos para escrever em letra cursiva, pois outros aprenderam a escrevê-la já na educação infantil. Em todos os casos era necessário incentivar a paciência e que cada um respeitasse seu ritmo e o do colega.

Pude perceber como se dava a nossa relação, eu com os estudantes e os estudantes comigo. A confiança era adquirida aos poucos, e começávamos a ter intimidade ao dialogarmos e nos conhecermos mais. Além de um acolhimento e carinho natural da turma, era como se eu já fizesse parte dela há muito tempo, e por isso fosse

aceita e incluída desde o início. Essa postura da turma pode ser fruto de uma educação para a diversidade e inclusão de todos.

Dessa turma faz parte um estudante com Transtorno do Espectro do Autismo. Ele tem dificuldades para permanecer na sala, principalmente quando as crianças estão muito agitadas e falantes. Por isso, nesses momentos, ele se retira da sala, ou também quando há algum cheiro que o desagradava (pois sua sensibilidade é maior). O corpo docente sempre busca me informar sobre questões como essas. Isso colaborou para que eu pudesse contribuir no processo de inclusão desse estudante. Posso dar uma volta com ele até a turma se acalmar, caso seja o que ele considere o melhor naquele momento, ou até o cheiro que o incomoda passar, e, em alguns casos podemos realizar a atividade que seria em sala ao ar livre para que ele possa se organizar e retornar para sala.

Esta criança conta com o cuidado e paciência de todos, o que também demandou de um longo trabalho dos docentes envolvidos. Lembro que alguns estudantes da turma me explicavam certos comportamentos dele como, por exemplo, chorar ou se jogar no chão, “fica tranquila, ele faz isso mesmo”, as crianças diziam. Ele faz parte da turma, e como todos os outros, tem também suas dificuldades de relacionamento e seu tempo para aprendizagem. Suas características são aceitas e respeitadas como deve ser feito a todos os estudantes. Porém, seu nível de necessidade de intervenções poderá ser maior devido às suas especificidades. Respeitar e considerar as diferentes necessidades dos estudantes nos espaços educativos deveria ser a premissa das escolas. Segundo Mantoan (2003, p.34):

As escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, espaços onde crianças e jovens aprendem a ser pessoas. Nesses ambientes educativos, ensinam-se os alunos a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar — sem tensões competitivas, mas com espírito solidário, participativo. Escolas assim concebidas não excluem nenhum aluno de suas classes, de seus programas, de suas aulas, das atividades e do convívio escolar mais amplo. São contextos educacionais em que todos os alunos têm possibilidade de aprender, frequentando uma mesma e única turma.

No CP, vejo essa característica: um empenho coletivo e multidisciplinar na busca pela inclusão. Como eu mesma vivi, quando pessoas sem deficiência passam a conhecer e criar laços afetivos com pessoas com deficiência, elas deixam de ser um público distante e desconhecido.

A travessia continua

Tenho aprendido que o processo inclusivo é permeado por desafios. É necessário capacitar-nos continuamente, como tem sido feito pelos monitores na universidade e na formação do Centro Pedagógico. E ter como fundamento que aprender e ser incluído é direito de todos os estudantes.

Hoje acredito que as escolas especiais tiveram e ainda têm um papel importante na escolarização das pessoas com deficiência. Sua coexistência possibilita que pessoas com deficiências ou seus responsáveis tenham a opção de escolherem o que acreditam ser o melhor para sua educação. Entretanto, esse debate é extremamente delicado e ainda exige aprofundamento teórico e realização de pesquisas, principalmente ao se tratar dos casos de deficiência intelectual com comprometimento cognitivo elevado. Conforme destaca Omote (2010, p. 336), “o foco no serviço de qualidade pode favorecer uma melhor avaliação das alternativas de atendimento e a indicação daquela que mais bem pode atender as necessidades especiais específicas de cada pessoa com deficiência ou outros desvios”.

Além disso, não posso deixar de refletir sobre o fato de a instituição na qual atuei ser filantrópica. Percebo que tal fato evidencia um “afastamento do Estado em relação às questões educacionais da pessoa com deficiência mental e a legitimação de instituições especiais como o âmbito educacional mais adequado para educá-la, transferindo a responsabilidade da educação desta população para o setor privado, especialmente para aquele de caráter filantrópico” (MELLETTI, 2008, p. 1). A instituição foi criada a partir do movimento de familiares que não conseguiam vagas nas escolas de ensino comum para seus filhos com deficiência. Dificuldade de acesso presente até hoje, como pude comprovar com base em relatos de familiares que não conseguiam vagas em escolas de ensino comum e buscavam então aquela escola especial, “a vaga existe

até que eu falo que ele estudava em uma escola especial, quando eu falo isso, a vaga deixa de existir”, disse uma mãe certa vez.

Tudo isso leva também a uma reflexão sobre qual é o papel da escola e propósito da educação. Há muito a se pesquisar e trabalhar a respeito da Educação Especial na perspectiva inclusiva, principalmente o que as pessoas com deficiência pensam a respeito. Ter como princípio a garantia de uma educação de qualidade para todos e oportunizar o acesso dando condições favoráveis de permanência de todos na escola de ensino comum é um passo importante para a condução de processos educacionais inclusivos. A meu ver este é um possível caminho para o êxito de uma educação que seja realmente inclusiva.

Palavras finais

A temática da inclusão é complexa, profunda. O próprio termo inclusão já tem implícita a ideia de exclusão, visto que só é possível incluir alguém que já foi excluído. Buscar uma educação para todos demanda sensibilidade, respeito, cuidado e, sobretudo, empatia. Buscar se colocar no lugar do outro não é tarefa fácil. Não sabemos nos colocar empaticamente no mundo, muitas vezes. A lógica que predomina, infelizmente, vai à contramão dessa ideia. Por isso, se faz tão necessário o exercício de tentar colocarmos no lugar do outro. Nos instantes finais desta caminhada, tecida pelo exercício reflexivo por meio da escrita, Gabriella escreveu confessando que havia relido o texto “como se estivesse lendo para um aluno da instituição” e isto a fez repensar o modo como se referira a eles, fazendo, então, pequenos ajustes. Ao ler as suas palavras, já tarde da noite, tive a certeza de que a empatia ressoa no modo como esta educadora em formação busca ver e colocar-se no mundo e isso trouxe (e traz) muito alento para continuar nessa travessia dessa imensidão a que chamamos de mundo.

Referências

CENTRO PEDAGÓGICO. *Programa Imersão Docente*. Belo Horizonte: Centro Pedagógico, 2020. 35p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 64 ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar)

MELETTI, Silvia Marcia Ferreira. APAE educadora e a organização do trabalho pedagógico em instituições especiais. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 31.2008 Caxambu/MG. Anais... Caxambu/MG: ANPEd, 2008. p. 1 - 16.

OMOTE, Sadao. Caminhando com Dibs: uma trajetória de construção de conceitos em educação especial. *Revista brasileira de educação especial*. 2010, vol.16, n.3, pp.331-342.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto. ALVES, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. *Acta Fisiátrica*. 2007; 4(14):242-8.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, Dez. 2006.